

A literatura ficcional e a documentação histórico-social: um retrato do Brasil através dos romances¹

Antonio Gabriel Barros Albuquerque²

Carlos Henrique Silva de Brito³

Centro Universitário Inta - UNINTA

RESUMO

O presente artigo busca, através da metodologia analítica e literária, demonstrar como o romance ficcional brasileiro serve como um retrato histórico e documental do país. Observa-se, portanto, a presença destacada da cultura e dos costumes que marcaram a sociedade no qual os autores e suas narrativas estavam inseridos. Dessa forma, a validação da literatura, através do contexto histórico, geográfico e temporal, marca a ficção, embora munida de licença poética, como registro jornalístico de uma época.

PALAVRAS-CHAVE: literatura; romance; documental; histórico; Brasil.

INTRODUÇÃO

A literatura é um meio pelo qual, através da linguagem escrita, o autor se utiliza para veicular, retratar ou alinhar pensamentos e construções subjetivas que, em forma de narrativa romântica, descrevem a cultura, as ações, os sentimentos, a política e a sociedade inserida no contexto histórico destacado. Segundo Dídimo (1983), a literatura tem função lúdica, catártica, pragmática, metaliterária, cognitiva, sinfrônica e humanizadora.

Nesse mesmo contexto, Fritsch (2017) concorda que o texto literário permite ao leitor aprender, questionar, viver, comparar, transformar-se, divertir-se, assumir uma postura crítica e conhecer diferentes visões de mundo. Alinhando o pensamento da retratação histórica por meio da linguagem literária, destaca-se que a História, como ciência, nada mais é do que o estudo cronológico e espacial de narrativas divergentes e convergentes que transcorrem paralelamente.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Estudos de Cultura Pop e Comunicação), evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Professor do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Inta - UNINTA, email: henriquebjornalista@gmail.com

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Inta - UNINTA, email: gabrielalbuquerque20111@hotmail.com.

A ciência, porém, não é exata em termos de funcionalidade rígida, pois como a história é construída através de várias narrativas documentais que, produzidas por autores nem sempre imparciais, embora testemunhas do momento registrado, é constantemente revisitada, analisada e criticada pelos futuros receptores, historiadores e leitores, de acordo com suas experiências e metodologias evolutivas.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, com análise de conteúdo de artigos acadêmicos e reportagens jornalísticas. As fontes foram selecionadas a partir de buscas em plataformas como Google Acadêmico e meios de comunicação de massa. A presente análise buscou validar a ponte existente entre a produção literária, com foco no método ficcional, e sua importância como documento histórico e possivelmente jornalístico.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Analizando a primeira obra literária em solo brasileiro nos termos da atualidade, destaca-se a Carta de Pero Vaz de Caminha para o rei Dom Manuel de Portugal, datada de 01 de maio de 1500, logo após a chegada das naus de Pedro Álvares Cabral. A carta detalhe, em seu português arcaico e poético, as andanças da frota portuguesa até aportar nas terras desconhecidas, detalhando a fauna e a flora exuberante daquele país tropical, assim como a vida selvagem de seus moradores nativos, vistos como inferiores e destinados a colonização imediata.

Esse retrato, portanto, é uma análise factual de um povo, os indígenas, que não era visto como sociedade, embora tivesse estrutura política, social e estivessem agrupados em regiões específicas, possuindo conhecimentos milenares sobre ciência e astronomia, por exemplo.

Avançando alguns séculos na sociedade já estabelecida como brasileira, autores como Machado de Assis (1839 – 1908) e Aluísio de Azevedo (1857 – 1913) foram destaques no registro do Segundo Império (1840 – 1889) e do final do século XIX. Um período marcado pelo Realismo, caracterizado pela representação fidedigna da realidade, protagonizando por personagens comuns em situações do cotidiano, Machado mostrou a alta sociedade carioca, devotada aos bons costumes, relações de interesse, munida do

catolicismo (religião oficial da época), como em *Dom Casmurro* (1899) quando Bentinho desiste de ser seminarista em nome do seu amor pela encantadora Capitu com seus ‘olhos de cigana oblíqua e dissimulada’.

A descrição se tornou uma das mais conhecidas da literatura brasileira e mundial, assim como trope que gera discussões até hoje: afinal, Capitu traiu ou não traiu Bentinho? Apesar de ser uma mulher da elite, Capitu também é o reflexo do sexo feminino na sociedade, marginalizado em nome das desconfianças de um membro masculino e seus ciúmes. Em 2024, na plataforma de vídeos Tik Tok, *Dom Casmurro* voltou a ser palco de discussões quando a influenciadora literária Courtney Henning Novak descobriu a obra de Machado traduzida para o inglês, gerando o interesse de jovens e outros públicos leitores. Em meio esse ‘fenômeno’, a velha discussão sobre o ‘complexo de vira-lata’ (termo popularizado pelo também autor Nelson Rodrigues (1912 – 1980) em sua obra *Á sombra das chuteiras imortais*) do brasileiro reacendeu, pois aparentemente a cultura somente é valorizada quando apreciada por olhares externos.

O próprio Machado é uma figura interesse em todos os sentidos: homem negro, filho de um pintor e uma lavadeira, tornou-se ainda em vida um dos intelectuais mais proeminentes da nação, sendo consagrado como maior escritor da literatura brasileira. Contudo, passou por um apagamento de sua origem, sendo sua cor e identidade desconhecida pela maioria daqueles que tiveram acesso à sua obra e imagem estampada em preto e branco em livros de história. Esse ‘embranquecimento’ do autor se tornou notório quando a Caixa Econômica Federal, no ano de 2011, foi obrigada a regravar uma propaganda onde mostrava um ator branco interpretando Machado de Assis. Esse é apenas um dos detalhes que fazem parte dos problemas sociais que cercam a sociedade brasileira.

Em *O cortiço* (1890), Aluísio Azevedo buscou, em seu romance naturalista, denunciar as condições precárias das instalações periféricas construídas por pessoas pobres que viviam um momento destacado pelo fim da escravidão, assim como o fim do Império do Brasil com o surgimento das bandeiras republicanas, gerando assim a explosão do capitalismo selvagem que adentraria o país a partir do século XX com a industrialização (embora o Brasil permanecesse referência no setor agrícola com a produção de café) e a expansão desenfreada das metrópoles. Tal expansão refletia o completo desinteresse na gestão demográfica e social de milhões de alforriados que foram

varridos para esses tais cortiços e, em seguida, para os morros que circundavam o Rio de Janeiro. Por fim, o reflexo do problema social que permeia o nascimento das favelas de todo o Brasil deriva deste período.

Partindo para um outro importante cenário da história e da literatura brasileira, a região Nordeste é berço de várias obras proeminentes que narram as lendas, riquezas e pobreza desse vasto cenário brasileiro. Em *O Quinze* (Editora José Olympio, 1930) de Rachel de Queiroz (1910 – 2003), a Grande Seca que teve início em 1913 e durou até o ano de 1915 foi contada através da ótica da autora que cresceu no sertão cearense e viu personagens da vida real que inspiraram os sofridos retirantes que vagueiam pela mata seca em busca de sobrevivência. Essa narrativa esbarra com a cruel realidade dos campos de concentração construídos pelo próprio governo e mantidos até 1932, a fim de conter essa população desmazelada que ameaçava chegar na capital fortalezense e “poluir” o ambiente.

Rachel também é outro nome interessante e polêmico a ser estudado em meio à história brasileira. Agora na política, a autora foi apoiadora assumida do início da instalação do Golpe de 1964 que deu origem à Ditadura Militar (1964 – 1985), durante o governo de seu então amigo Humberto de Alencar Castelo, o General Castelo Branco. O mesmo pensamento de uma “ameaça comunista” que assolava a população já no século XX continua como um fantasma monótono, mas inquietante e que parece sempre estar ameaçando o Estado democrático, mesmo nos dias atuais.

Em termos de política e meio ambiente, outro nome nordestino se faz presente na cultura pop, principalmente devido às adaptações de suas obras para o cinema e a televisão: autor do Segundo Modernismo, o baiano Jorge Amado. Alinhando ao pensamento do comunismo, em sua obra Jorge pregava a preservação do meio ambiente quando em *Tieta do Agreste* (1977) denuncia a ganância de membros políticos de uma cidadezinha esquecida no interior do Agreste que visam poluir as praias e mangues para a instalação de uma fábrica de alumínio. Já em *Capitães de Areia* (1937), Amado retrata a marginalização, pobreza, abandono e violência que vivem um grupo de jovens e crianças que se valem de furtos para sobreviver na capital baiana. Um retrato muito comum daquela época e, infelizmente, visível até os dias de hoje.

CONCLUSÃO

Em suma, a análise da rica literatura brasileira transparece as melhores e piores características que fazem parte do ser brasileiro e latino-americano. Como Mário de Andrade (1893 – 1945) mostrou em sua obra *Macunaíma* (1928), um marco do Modernismo no país, o retrato do Brasil é extremamente regional, muito vezes caricato, alegre, embora cheio de tristezas, marcado pela miscigenação e linguagem popular. O “malandro” brasileiro também pode ser representado pelo “herói sem nenhum caráter”.

Desta feita, a documentação quase jornalística da história nacional continua em processo, através de nomes como Socorro Acioli por meio de seu livro *A cabeça do santo* (Companhia das Letras, 2014), narrando o regionalismo mágico e o poder da fé herdados de autores como Jorge Amado e do colombiano Gabriel Garcia Marquez (1927 – 2014); ao conjunto da obra de Ariano Suassuna (1927 – 2014), como o icônico *Auto da Compadecida* (1955) que narra através da literatura de cordel uma peça teatral sobre pobreza, fé e amizade, em plena era do cangaço; assim como em *Quarto de Despejo* (1960) de Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977), uma ex-catadora de lixo negra que encontrou em livros e cadernos descartados uma válvula de escape para narrar as mazelas da vida em uma favela às margens do rio Tietê na capital paulista, nos anos 1950, tornando-se mais uma figura destaque digna de Machado de Assis.

REFERÊNCIAS

FRISTCH, Camila Elis. **A representação histórica de O Cortiço: um retrato do Brasil do fim do Segundo Império.** Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Ano 13 - n.20, 1º Semestre, 2017. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/magna/article/download/2263/1337/10111>

HUDSON, A.; LIMA, V.; ALMEIDA, V. **As funções da literatura na leitura e interpretação no mundo.** Disponível em: <https://anhanguera.edu.br/wp-content/uploads/06asfunesdaliteratura20206370.pdf> . Acesso em: 04 maio. 2025.

LUSTOSA, Isabel. Rachel e o golpe. Disponível em: <https://ims.com.br/por-dentro-acervo/rachel-e-o-golpe/>. Acesso: 04 de maio de 2025.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p.51- 52: Complexo de vira-latas.

PERO VAZ DE CAMINHA, **Carta a El Rey D. Manuel**, São Paulo: Dominus Editora, 1963.